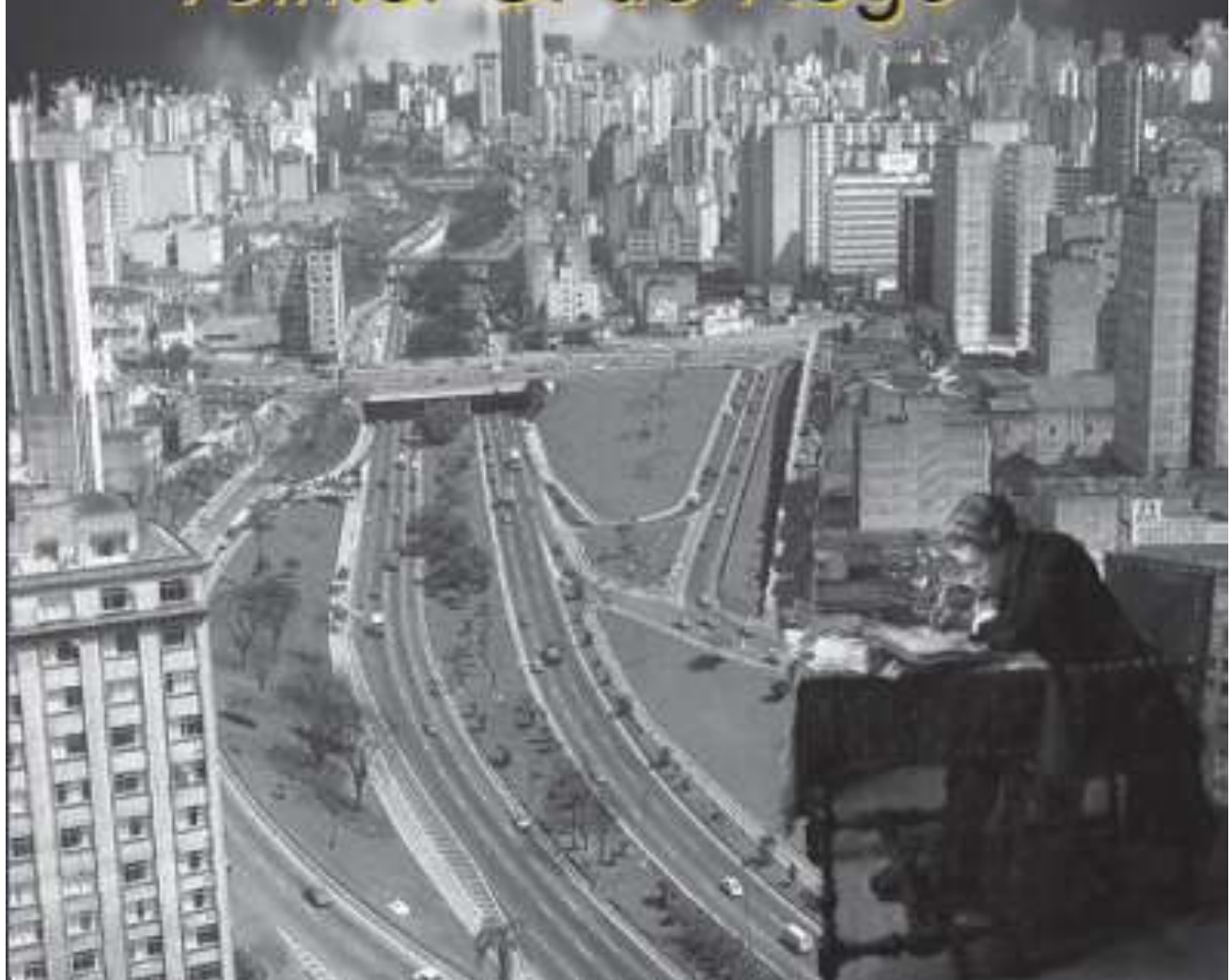


crônicas de percurso  
**ARESTAS**

1ª edição  
eletrônica

2006

**Volmer S. do Rêgo**



# **ARESTAS**

## **Crônicas e Textos Jornalísticos**

reunidos, ordinários e comprometidos com  
a (ir)realidade cotidiana e literagens.

**Volmer Silva do Rêgo**

2006

**primeira edição – eletrônica 2013**

Dados catalogados na fonte **(CIP)**

Silva do Rêgo, Volmer - 1960 (Volmer de Recife) Arestas - Crônicas reunidas - 1a. Edição São Paulo, 2007 – 1ª revisão 2013

Literatura jornalística – Crônicas, crítica jornalística.

©Todos os direitos reservados - Proibida a reprodução sem a autorização expressa do editor.

Capa - Volmer S. do Rêgo

Projeto gráfico - Volmer S. do Rêgo

Edição - Volmer S. do Rêgo

Revisão - Volmer S. do Rêgo

®Todos os direitos reservados

Agradecimentos - gracias a la vida! Dedico este livro à memória de meu pai, redator e editor, ao meu filho amado Diego Aires, a minha mãe Da. Eunice, aos meus irmãos Eusiel e Jeasir.

## ÍNDICE

- 1 – A cruz e a espada da política brasileira
- 2 – A política é só um meio
- 3 – Abusos linguanares
- 4 - O anticristo e o anticonhecimento
- 5 – Blues eyes
- 6 – Circularejando pensares
- 7 – Coisa feia!
- 8 – Contributo à milenar idiotice humana
- 9 – Diálogo pertinente
- 10 – Dose certa
- 11 – Educação para a liberdade
- 12 – Educação – um modo ímpar
- 13 – Educar pra que?
- 14 – Enquanto escrevo meu livro
- 15 – Erros da Física
- 16 – Estado vivo é estado bom, desde que funcione lá
- 17 - Eurocopa de futebol em Portugal
- 18 – Falsidades filosóficas e o problema da lógica das palavras *versus* a crueza dos interesses
- 19 – Fofocas, realidade e História
- 20 – Futebol
- 21 – Homens, objetos relativos
- 22 – Jornalismo sem crédito
- 23 – Lenha seca para uma bela fogueira
- 24 – *‘Liberas’ quae seras tamen*
- 25 – lições de um jardim de infância
- 26 – Mahabaratha
- 27 – Mercosul maravilha
- 28 – Na antesala da poética
- 29 – Não existe feiúra. Ou é deformidade ou é miséria
- 30 – Governar com números é bem diferente de ser governado por eles
- 31 – O estigma da educação
- 32 – O eterno giro parado
- 33 – O exército das formigas vermelhas
- 34 – Todo brasileiro é corrupto
- 35 – O x e o y da questão
- 36 – O zen do mouse

- 37 – Partículas**
- 38 – Pensar é só pensar – repensar o modelo – revendo o óbvio**
- 39 – Pequenas digressões semiológicas**
- 40 – Peru de Natal**
- 41 – Revistas e recortagens**
- 42 – O povo é apenas o povo**
- 43 – Intróito curioso**
- 44 – Quem gera o processo**
- 45 – Ruídos da comunicação glo(tri)balizada**
- 46 – Se alguém te der um tapa**
- 47 – Semiologia de um fôlego só**
- 48 – Sob o Trópico de Capricórnio**
- 49 – Todos procuram a Deus, mas só encontram o que se procura**
- 50 – Um sonho recorrente**
- 51 – Waht is it means;**

## 1 - A CRUZ E A ESPADA DA POLÍTICA BRASILEIRA

*As verticais e as horizontais nas dimensões e perspectivas do horizonte e do provável.*

Para entender o desenho dos eixos de poder no Brasil pós-eleições 2006 e fazer sérias considerações você deve olhá-lo de frente - o formato inicial é de cruz, e há paralelas, mas jogar xadrez de nada vai te ajudar na percepção, porque não é exato, não é lógico. Nunca será. São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul com apoio do Maranhão e do Ceará - na hora H apontarão no horizonte, e dali, incontestavelmente, sairá o novo candidato forte à presidência da República. Claro que José Serra, Aécio Neves e Yeda Crucius, um trio naturalmente desafinado por formação, passarão por ampla reformulação do discurso e das práticas e vão ter de superar os imensos egos e inflados *staffs*. Serra sai na frente, já foi candidato, ministro, tem cacife intelectual e está entre os amores de FHC, mas tem o estigma de ser paulista, que não gerou presidente nos últimos cem anos de República. Secou o ventre?

Não, a missão do estado parece mesmo ser outra, de igual importância - manter acesa a chama bandeirante, de ir na frente, ponta de lança, como se diz no *football*, sem medo dos zagueiros rompedores de canelas, e, se precisar, atropelar o que vier - juízes, torcedores, patrocinadores (?) - mesmo sem beleza, delicadeza ou arte, para entrar no gol adversário. Lá vem, de novo, em 2010, o PSDB e seu fiel escudeiro de aluguel à tiracolo, o PFL. Nesta composição (esquisita para muitos, mas o que não é em política partidária?) pesam mais os interesses e vaidades pessoais do que as divergências partidárias e ideológicas (ou propostas administrativas internas), ainda que um esteja de lado e o outro de costas para o povo. Pesa também a vontade de desfazer o feito e atrapalhar ao máximo, com vistas aos pleitos eleitorais bienais, as realizações da situação. Sempre foi e sempre será assim, pois aqui trata-se de homem com medo, raiva e inveja de homem, coisas menores. Essa tirada de *'conduzo, não sou conduzido'* é retórica - o leão vai atrás dos rebanhos de caça. Se ele se veste de veado é outra coisa! É estratégia. Já os abutres e as hienas do PFL sobrevivem à socapa, de sobras, ainda que alguns deles saibam caçar, coisas da evolução natural.

Das Gerais Aécio traz enorme rebanho, riquezas, jeitos e trejeitos, é oligarca de família de sobrenome ministerial e presidencial, tem tradição política. Aprendeu fazer mesa e cama com cuidados coloniais e imperiais. Terá peso nas composições a serem feitas, porém, tem jeitinho de senador, nada mais. Já Yeda cuida das fronteiras, lida com dois traçados, é flor de beleza e perfume marcante, sabe seduzir com seu discurso acadêmico e tem traços de republicana, o que lhe confere pulso e firmeza na hora de bater 'o dedo' na mesa. Pode levar o Brasil ao Chile, dizem seus entusiastas. Quem vem do Rio Grande sempre tem ótimas chances. Pela frente o machismo de seus

compadres numa época em que as mulheres ganham espaços cada vez mais importantes no cenário. Elas, contudo, assim como os homens, isoladamente desequilibram a balança. Equanimidade seria palavra chave. Numa analogia digressiva, e a comparação só se faz necessária dadas as condições específicas do país, o campeonato brasileiro de futebol produzirá grandes clássicos e isso será decisivo - olhem e aprendam, mas não se enganem: São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Inter, Atlético mineiro e qualquer outro time paulista (quem sabe o Corinthians de Lula, ou o Palmeiras de Serra? Ambos a cair pelas tabelas) farão a propaganda subliminar de seus dirigentes políticos regionais e encherão estádios e cofres - a festa da poeira continua! O suporte está em plena construção ainda que não tenham aprendido a receita empresarial e administrativa dos modelos europeus, pelo menos não o reproduzem por aqui, ainda.

Em importância, sem, contudo, serem iguais em graus e valores que lhes ditam a colocação, surgem Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco que formam atualmente, coisa difícil de crer, a ‘frente central de esquerda adestrada’ - aqui PT, PMDB e PSB se afinam pelo discurso social, mas são tantos os interesses díspares e os modos de como atingir o povo (na cabeça, na barriga, nos braços) que a proposta ou visão trabalhista acaba comprometida com o capital, com quem atrita e provoca muita fumaça (se adoram e se desejam, só não se conhecem ainda, em profundidade, logo não sabem do que podem), deixando pouco claro quais são e pouco espaço para os compromissos reais que os orientam - pau e pedra na construção de um ideário.

Ainda assim já saiu um programa bolsa família, um bolsa escola, as cotas para negros e minorias nas universidades públicas e privadas, desses programas que causam forte impressão nos patrocinados enquanto dialeticamente reproduzem a contradição histórica e econômica - ampliam e achatam a classe média – o esteio. “É mano! Dizem os cabras da rua: “distribuir renda significa dar uma menor fatia para dada um”. Ainda tem muito ladrão, é certo, mas para isso deveria existir uma polícia, uma inteligência, não é? A PF andou fazendo sua parte. A lojinha da dona Daslu e outras importadoras, por exemplo, só em São Paulo ficaram de cuecas e calcinhas na mão. Mas, quer milagres? Até os 40 vestidos da madame ajudaram a derrubar a casa!

Indo em direção ao sol, Jacques Wagner enfrentará a oligarquia bem estruturada dos caciques cacaueiros de Salvador, embora tenha Waldir Pires ao seu lado (perdido como avião de carreira). São séculos de ‘magalhães’ varrendo aquelas praias e levando tudo de roldão. Abaixo, no Rio, Cabral tem os morros e os chefes das gangues cariocas nos calcanhares - sofre do mal de Aquiles e vai ter de fazer concessões esdrúxulas para receber oxigênio e deixar a praia limpa para receber os estrangeiros. As polícias podem e vão ajudar, chefe! O moço de Recife também sofrerá com os

coronéis - flagelo do agreste - e terá de beber da aguardente daqueles grotões se quiser matar a sede de sua gente, libertar os novos escravos das fazendas e dos inocêncios. Vez ou outra recorrer à lenda de Arraes para não deixar a peteca cair será expediente.

O PDT do falecido Brizola tem representatividade reduzida, mas sua postura francamente trabalhista (leia-se sindicalista, ou, na linguagem de sapa – ‘malaca’) tende a ser absorvida pela força dos outros - seria besteira ficar de fora e tentar oposição. Mas, se bater o orgulho do velho caudilho e sua visão de pampas, nada impede que o minuano sobre e o obrigue a fazer uma guinada mais à esquerda para cooptar os descontentes do PSOL ou a eles se misturarem num coro anacrônico, de laivos franciscanos e afinação duvidosa. Não deixa de ter importância na balança geral do equilíbrio, filosoficamente. Renascerá assim, uma novidade que cruzará os corredores estudantis e servirá de motivo para discussões acadêmicas, agremiações e ritos circunstanciais aquecendo as mentes vazias da UNE, UBE, UMES e outras siglas. Coisas da idade e dos ciclos humanos memoriais. Dali sairá a ‘nova’ esquerda tupiniquim com a benção da intelectualidade socialista internacional de plantão, até o momento que suas contas e finanças forem abertas e de lá emanar um cheiro ruim de mesmice.

Mas, o país ainda não aprendeu a lição e bate cabeça. Sabe pouco da função federativa e da condução do ideal da República. Só a título de sugestão a coisa deveria funcionar assim: a bancada do estado, formada por gente de diversos partidos, tende a votar unida em questões que digam respeito ao estado representado. Claro a autonomia federativa pressupõe esta condição fundamental. O que diz respeito ao estado de São Paulo, por exemplo, é de interesse de todos os deputados paulistas, independentemente do partido que o elegeu. Eu disse tende, mas não vota, necessariamente. A coisa vai muito de quem lançou a proposta a ser discutida e votada. Na frente do estado está o partido, uma asneira reducionista que põe tudo a perder e desfigura a questão republicana. E, à frente do partido, estão seus caciques, que respondem aos *lobbies* e a interesses muito peculiares. Uma burrice sem tamanho porque reflete o isolacionismo tacanho e fisiológico de algumas mentes e embora trate do jardim, não consegue estabelecer sinapses saudáveis com o resto do parque. De fato, até hoje, só se luta pela força e representatividade do partido majoritário, em vez de discutirem-se as necessidades da união dos estados federativos.

O partido X tem mais caciques e detém mais mídia e exposição, sua voz é a mais ouvida. Burrice! Porque leva pelo cabresto curto os menores sem lhes dar ouvidos (um zurro ou outro, vez em quando, mas não sai disso!). Assim, os problemas do estado (unidade federativa) Y ficam em segundo plano porque os caciques do partido afinam com o estado X (uf) e só votam prioritariamente nestas questões, grupismo, meramente pessoal, vaidades, senadores e vantagens. Ou isso muda e



todos se aproveitam do esforço conjunto da sociedade brasileira, ou então continuaremos do jeito que está - a reforma partidária é importante, sim, mas é só parte, e pequena, da verdadeira questão. Eis porque, ainda digressivamente, não se faz um campeonato brasileiro de futebol por estados. Faltam-nos um pacto federativo coerente e respeito pela sua adoção e medidas.

O argumento de que seria muito desigual é falacioso, porque a vida é assim - entram em cena os mais fortes e os mais fracos, os fortes lutam com os fortes e os fracos com os fracos – e os mais fracos podem até se unir contra um forte – daí, talvez, o porquê da geração racional, ou pelo menos razoável, de divisões e categorias. Por isso o Senado e as câmaras altas e baixas dos estados e a federal têm de aprovar um regulamento. Parece justo, e preserva a correlação das forças. Quando um mais fraco apresenta força suficiente para subir de categoria dá-se a ele a oportunidade de provar que pode estar ali ‘lutando’, numa melhor de três, contra o mais fraco dos mais fortes. Além do que São Paulo, que é o mais forte de todos, já cumpre a função do imperialista doméstico. Investe e explora em outros estados, e o mesmo também é feito em escala menor por outros ‘fortes’ da federação, ou da República Federativa, o que é melhor.

Embora seja crucial e paradoxal, a federação ainda vive de desequilíbrios, mas manter o poder centralizado é questão pétreia, e a visão republicana de governar para todos ainda esbarra no compadrismo porque as estruturas de representatividade parlamentar estão corroídas, mero reflexo da natureza das relações humanas. Há, contudo, um outro modelo a ser percebido, e ele diz e mostra que elefantes, por exemplo, bebem mais água do que outros animais, devido ao seu porte, porém, em épocas bravas, podem ficar muito mais tempo sem comer e sem beber, sem perder a majestade de sua configuração original. Se fraquejarem demais serão vítimas de carneiros. Assim, as elites nacionais ficarão em casulo, recolhidas por um tempo, digerindo seus erros e procurando sintetizar enzimas a fim de proporcionar ao sustentáculo de suas alegrias - à classe média, pasto de gramíneas onde come e defeca (porque pobreza e miséria só trazem tristeza e doença),- um pouco mais de dignidade e espaço para respirar. Cíclico. Exatamente o que o governo Lula fez, e pelo que parece ainda fará se a sociedade organizada – e aqui entram os governadores e suas intenções verdadeiras, afinal, todos querem exercer a digna função de salvador – se predispuser a lutar por um país melhor! A esperança é mesmo um mal latino.

## 2 - A POLÍTICA É SÓ UM MEIO

*a ética é só uma palavra no país das meias mentiras.*

Na lei das execuções penais há uma sentença basilar e que se repete comumente em face de delitos e situações contrárias à norma prevista. Ouvimo-la freqüentemente – ‘tudo o que você disser será usado contra você, portanto, é melhor ficar calado, você tem o direito de permanecer calado’. E, sobretudo, do que os outros disserem a seu respeito, o direito de se defender também lhe será assegurado. Básico. Os doutos e causídicos que me perdoem se estiver errado, por favor, corrijam-me. Em mercado vale tudo numa corrida concorrencial, e é isso que ocorre na nossa típica democracia tropical quando se trata de chegar a cargos eletivos, de meros vereadores à presidência da República, dada a promiscuidade e o grau de contaminação que o fado político assumiu em seu envolvimento com o aspecto financeiro. Presidência da República é só um cargo a ser disputado, como gerente de supermercado, diretor comercial de uma empresa qualquer. No mais, uma peça contábil em que se prevêem, inclusive, honorários para crápulas e encomendas escusas.

Assim como no mercado expedientes comuns como a compra de votos, de informações sobre a posição do concorrente, desvios de condutas dos melhores posicionados na corrida e conseqüentes flagrantes circunstanciais sobram e se oferecem como produtos ou ferramentas naturais de apoio (contabilizados como Caixa Dois), já que a lei eleitoral que deveria regular tais situações é sofrível, não prevê diferenciação e, de fato, favorece oligarquias e assoberbados no poder econômico, embora se espalhe por aí que temos o código mais avançado do mundo, por todos invejado e copiado. Eu não queria votar em Timbuctu.

A hipocrisia é geral, e não há porque se espantar com dossiês (se fossem ruins seriam ‘amarguês’, ouvi um dia) e pastas coloridas sobre tais e quais aventureiros políticos ávidos pelo poder e suas peripécias comprometedoras. Documentos difamatórios sobre uns e outros povoam o universo político, são ordinários e comuns, como churrasco de gato. Mais interessante, porém, e que dá o tom burlesco das maquinações e ‘maquiavelidades’ dos envolvidos é a capacidade de buscar inverter os fatos e de fazer um crime da tentativa de denunciar o bandido, como os senadores do PFL e PSDB Bornhausen e Jereissati, respectivamente, intentaram no caso das denúncias sobre Serra - candidato peessedebista ao governo do estado mais rico da federação, São Paulo - estar envolvido com a Máfia das Sanguessugas. Alegaram que era preciso descobrir de onde vinha o dinheiro para a compra e a encomenda do dossiê. Ora, que asneira! O dinheiro vem do mercado eleitoral que se tornou a tragicomédia da disputa eleitoral, pela corrida neste inferno em que todo espeto é quente e o cheiro de carne chamuscada aperitivo. Quem quer o poder tem de ter dinheiro para disputá-lo, e quem tem dinheiro compra as ferramentas de apoio necessárias que o mercado aquecido oferece. Deve, portanto, investir bastante e sem receios, porque se ganhar sabe que a recompensa, o prêmio, é inigualável. O crime não é o dossiê, o crime é ter-se envolvido com a quadrilha de estelionatários

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

